

Até o Vestibular Estadual de 2018, realizado em 2017, os candidatos do Rio de Janeiro não precisavam ler previamente nenhum livro de literatura. A ausência da lista de livros indicados de literatura ocorria há mais de três décadas.

Essa ausência acompanhava os Vestibulares de todo o país? Na verdade, não. No Brasil, os Vestibulares de cerca de trinta universidades, públicas e particulares, indicavam, no mesmo período, diversas listas de livros de literatura para seus exames, variando os títulos e as quantidades, entre três e dezesseis livros. Isso significa que os Vestibulares do Rio de Janeiro, com esta lacuna, acabavam por promover, no mínimo, o desprestígio crescente da literatura no ensino médio e, conseqüentemente, o desenvolvimento insuficiente da habilidade de leitura.

Encontramos alguns argumentos fracos e pelo menos um argumento aparentemente forte, para sustentar que não se cobrasse a leitura de livros de literatura no Vestibular.

Um dos argumentos fracos é o comercial: uma lista de livros pode beneficiar apenas uma ou duas editoras grandes, que aumentariam substancialmente as vendas dos seus títulos. O argumento é fraco porque: parte dos autores selecionados costuma pertencer ao domínio público, portanto são ou podem ser publicados por diversas editoras; a elaboração da lista pode levar em conta o problema, buscando, dentre os autores que não pertencem ao domínio público, diversificar as editoras.

Outro argumento fraco é o do autor vivo: o escritor ainda vivo pode reclamar da interpretação dada pela prova à sua obra. Tornaram-se famosas as reclamações de Carlos Drummond de Andrade e de Millôr Fernandes, contestando as questões e, principalmente, as respostas das questões sobre a obra de ambos. No entanto, o argumento também é fraco, porque: nenhum escritor detém o monopólio sobre a interpretação da sua obra; na verdade, nenhum escritor costuma ser o melhor analista da sua própria obra; por fim, a possibilidade da crítica do escritor vivo estimula os professores a elaborarem melhor as suas questões.

Na prática, ainda se pode rebater o argumento do autor vivo indicando apenas autores falecidos. Essa solução, porém, é igualmente fraca, porque afasta as escolas, e, portanto os jovens, da literatura que lhes é contemporânea. O problema do autor vivo deve ser enfrentado elaborando bem as provas e, caso algum autor não concorde com a interpretação dada à sua obra, discutindo-se publicamente com ele, até porque a polêmica não deixa de ser uma maneira de estimular o interesse pela literatura.

Reconhecemos, porém, que um argumento contra a indicação de livros no Vestibular parece forte: a elitização do exame. Uma vez que os livros costumam ser caros, logo, se privilegiariam os candidatos de maior poder aquisitivo. Esses candidatos de maior poder aquisitivo ainda teriam estudado nas melhores escolas particulares, com acesso mais fácil a bons professores, livrarias de qualidade e excelentes bibliotecas, tanto públicas quanto privadas.

Em tempos de internet, entretanto, esse argumento também se enfraquece. Hoje, quase tudo que já foi escrito se encontra reproduzido na rede. Além disso, para sanar aquelas conseqüências que apontamos acima, a saber, o desprestígio crescente da literatura e o desenvolvimento insuficiente da habilidade de leitura, a universidade, a escola e a sociedade não podem se conformar com os problemas do preço do livro e das bibliotecas inexistentes ou mal equipadas, sob pena de sonegarem a experiência inestimável da literatura aos jovens de menor poder aquisitivo.

Deve-se, ao contrário, insistir na necessidade da leitura de literatura, recuperando soluções tradicionais, como as bibliotecas escolares, e criando soluções alternativas, como eventos de leitura solidária. Um único exemplar de um determinado romance pode muito bem ser lido por dezenas de alunos, se essa leitura solidária for bem organizada pelos professores e pelas escolas.

Discutidos os argumentos contra a indicação de livros para o Vestibular, podemos agora pensar os argumentos a favor dessa indicação.

Há muito tempo, filósofos e cientistas admitem que nos encontramos sempre presos na nossa limitadíssima perspectiva: só vemos o mundo pelo nosso próprio olhar, do lugar e no tempo em que estamos. Tudo o que achamos que sabemos é tão parcial que se torna suspeito. Só podemos superar a prisão da nossa perspectiva quando conseguimos olhar também pelo olhar do outro ou, melhor ainda, pelo olhar de todos os outros.

Ora, na vida real é extremamente difícil pensar com a cabeça ou olhar com os olhos de outra pessoa, por causa das diferenças de tempo, contexto, gênero, raça e idade, entre tantas variáveis. A façanha se torna possível, porém, quando acompanhamos por dentro a perspectiva ora do narrador ora do

protagonista de um romance: neste momento, conseguimos enfim pensar com a cabeça e olhar pelos olhos de um outro. Por isso se diz que a literatura perspectiviza: ela nos oferece a riquíssima experiência de vivenciarmos perspectivas diferentes da nossa.

Dessa maneira, tornamo-nos outros, ou, como queria Fernando Pessoa: nós “nos outramos”. Assim, tornamo-nos maiores e melhores do que somos, e ao mesmo tempo aprendemos que não somos o centro do mundo, ou seja, que há várias verdades e vários ângulos para cada verdade. Nesse sentido, a literatura constrói uma escola virtual de sensibilidade, curiosidade, admiração, relatividade e tolerância – tudo o de que tanto precisamos e cada vez mais.

Acresce que, como já sustentou Roland Barthes, a literatura, no seu sentido estrito, é o próprio “giro dos saberes”, ou seja, ela é pura interdisciplinaridade. Os livros indicados para um exame Vestibular servem de base para as provas de Língua Portuguesa e Literatura, é claro, mas também podem provocar questões em todas e não menos do que todas as demais provas.

Por isso, desde 2017 o Vestibular Estadual indica uma lista de livros de literatura. A cada ano, uma lista preliminar, com um número bem maior de títulos, é divulgada através de uma Enquete na Revista do Vestibular Estadual, solicitando a votação dos leitores para o Vestibular do ano seguinte. Milhares de alunos e professores do ensino médio votam sucessivas vezes na lista, inclusive promovendo campanhas nas escolas em favor de um livro ou de outro. No final de cada ano, processamos o resultado da enquete para compor a lista final do Vestibular Estadual, divulgando-a em janeiro, de modo a que as escolas e os candidatos possam se preparar. Assim, os próprios candidatos participam da definição dos livros que precisarão ler para o seu Vestibular.

A reação dos professores e alunos do ensino médio, bem como dos professores integrantes das bancas examinadoras dos exames, tem sido extremamente positiva. As provas de Linguagens, nos exames de qualificação, se mostraram muito mais agradáveis de elaborar, para os professores, e mais interessantes de fazer, para os candidatos. Os candidatos passam a saber previamente que textos e que autores serão cobrados e, portanto, podem se preparar muito melhor, lendo os livros previamente para poder discuti-los com seus colegas e professores. A decisão de trabalhar com livros de literatura de língua portuguesa mas não apenas brasileira, na prova de Língua Portuguesa e Literaturas, amplia o leque de leituras e mostra a literatura como um fenômeno estético e cultural antes supranacional, propriamente civilizatório, do que apenas nacionalista.

Por fim, a opção inédita, em concursos de massa, de usar um livro de literatura para deflagrar a proposta da prova de Redação, mostrou-se bem mais acertada do que esperávamos, porque melhorou substancialmente a qualidade das redações avaliadas. Essa melhora aconteceu quer porque os candidatos passaram a saber que o tema da redação sairia necessariamente das questões levantadas pelo livro indicado, sem precisar mais adivinhá-lo, quer porque poderiam pensar sobre esses temas e discuti-los previamente, sem precisar “arrancar” da mente uma opinião sobre um tema sobre o qual não teriam se preparado antes.

Além disso, podiam abandonar uma daquelas “dicas” de cursinhos que só prejudicam os candidatos, qual seja, a de sacar pensadores aleatórios e citá-los apenas para impressionar os avaliadores. Essas citações acabam se mostrando impertinentes, ou porque a conexão com o tema não fica demonstrada, ou porque os candidatos na verdade não leram os autores que citam, o que faz com que as citações se mostrem ainda mais artificiais e improdutivas. A citação de trechos do livro de fato lido, entretanto, tem o potencial de construir argumentos de autoridade com muito mais pertinência e, com o perdão pela redundância, com muito mais autoridade.

Como a indicação dos livros de literatura criou uma novidade nos exames, organizamos um Ciclo de Palestras sobre os livros indicados no Vestibular Estadual. Este Ciclo, já na sua terceira edição, programa seus eventos para pouco antes das provas, trazendo especialistas, tanto da Uerj quanto de outras universidades, para comentar os livros indicados em palestras gratuitas, realizadas em auditório do 1º andar do campus principal da Uerj. Estas palestras são transmitidas ao vivo pela internet através da TVUERJ, e ficam gravadas por todo o ano e mesmo depois. O auditório, com capacidade para cerca de 300 pessoas, tem ficado lotado, e os vídeos das palestras têm tido uma média de dez a quinze mil acessos por ano. Os palestrantes não fazem parte das bancas que elaboram as provas. Eles são convocados para ajudarem os candidatos a pensarem melhor sobre os livros que estão lendo.

O público, formado basicamente por alunos e professores do ensino médio, comove sobremaneira os palestrantes, porque fica em silêncio absoluto durante toda a explanação, anotando escrupulosamente cada informação e cada opinião que escuta. Na hora das muitas perguntas, mandadas por escrito e lidas pelo mediador da palestra (que também assina o presente texto), os palestrantes se espantam

com a qualidade e a pertinência delas. A maioria desses candidatos tem seu primeiro contato com a universidade através das palestras, que se preocupam em ser muito claras e envolventes, mas sem subestimar a inteligência da audiência. Não são poucos os candidatos que nos dizem ter escolhido de vez a Uerj, como sua universidade preferida, depois de uma dessas palestras. O Ciclo de Palestras sobre os livros indicados no Vestibular Estadual já se tornou uma excepcional apresentação da universidade para a sociedade.

Para o Vestibular de 2018, foram selecionados os seguintes livros: no 1º Exame de Qualificação, *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa; no 2º Exame de Qualificação, *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; na prova de redação, no Exame Discursivo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; na prova de Língua Portuguesa e Literaturas, *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Os palestrantes do I Ciclo de Palestras foram, pela ordem dos livros e dos exames: Flávio Carneiro (Uerj), Eleonora Ziller (UFRJ), Ana Lúcia Oliveira (Uerj), Viviane Vasconcelos (Uerj) e Victor Hugo Adler Pereira (Uerj).

Para o Vestibular de 2019, foram selecionados os seguintes livros: no 1º Exame de Qualificação, *Livro dos Sonetos*, de Vinícius de Moraes; no 2º Exame de Qualificação, *O Alienista*, de Machado de Assis; na prova de redação, no Exame Discursivo, *O Seminarista*, de Rubem Fonseca; na prova de Língua Portuguesa e Literaturas, *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz.

Os palestrantes do II Ciclo de Palestras foram, pela ordem: Marcelo Moraes Caetano (Uerj), Martha Alkimin (UFRJ), Flávio Carneiro (Uerj) e Mário Bruno (Uerj).

Para o Vestibular de 2020, foram selecionados os seguintes livros: no 1º Exame de Qualificação, *Hora de alimentar serpentes*, de Marina Colasanti; no 2º Exame de Qualificação, *Gota d'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes; para a prova de redação, no Exame Discursivo, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; para a prova de Língua Portuguesa e Literaturas, *Antes de Nascer o Mundo*, de Mia Couto.

Os palestrantes do III Ciclo de Palestras são, pela ordem: Ricardo Benevides (Uerj), Victor Hugo Adler Pereira (Uerj), Eleonora Ziller (UFRJ) e Vanessa Teixeira (UFRJ).

SOBRE O AUTOR

Gustavo Bernardo, Prof. Associado; Instituto de Letras / UERJ e Diretor do Departamento de Seleção Acadêmica - DSEA / UERJ